



O TEATRO NO ENSINO MÉDIO: DIÁLOGOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA ATRAVÉS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

SILVA, José Adalto Alves da ¹
NOVAIS, Juliana Oliveira de Santana ²

RESUMO: O texto literário tem potencial de contribuir no trabalho do professor de línguas, servindo como elemento importante para o estímulo da leitura e criticidade do aluno, além de indispensável manifestação cultural. Através do trabalho em sala de aula de uma diversidade de gêneros textuais é que o estudante pode explorar diferentes perspectivas e expandir seu repertório linguístico e cultural. Defendemos que o trabalho com os gêneros textuais deve ir além dos cotidianos, abrangendo também textos literários, acadêmicos, jornalísticos e outros tipos de escrita que ofereçam aos alunos uma ampla variedade de experiências de leitura e interpretação, como proporcionado pelo gênero teatro. Dessa forma, este artigo tem como objetivo trazer um relato de experiência sobre um projeto desenvolvido em uma escola estadual no município de União dos Palmares/AL, sob o olhar de um residente participante do Programa Residência Pedagógica (PRP), edital 2022. O projeto a ser relatado é conhecido na escola e comunidade como “Teatro à Boca da Noite” e acontece anualmente nas turmas do 2º e 3º anos do ensino médio, sob a supervisão do professor de língua portuguesa da escola. Neste trabalho, descreveremos o desenvolvimento do projeto supracitado e, quem sabe, inspirar outros professores a criar iniciativas semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Texto Literário; Leitura; Teatro.

1 INTRODUÇÃO

Faz parte da cultura escolar a visão da aula de português como maçante, um prenúncio de aulas gramaticais cheias de regras e normas a serem aprendidas e decoradas. Essa reação é facilmente observada se tomarmos como exemplo o aluno contemporâneo, cujo acesso rápido à informação é naturalizado; o mercado global entende essa exigência por fluidez, com a internet tornando-se necessidade indispensável num mundo onde o virtual e físico são inevitavelmente um só. Ao olharmos para a sala de aula, então reflexo de todas as tendências sociais, uma narrativa é contundente: adapte-se você a nossa realidade, professor (a), não o

¹ Graduando em Licenciatura Letras Língua Portuguesa, Bolsista do Programa de Residência Pedagógica, Universidade Estadual de Alagoas, Campus V, e-mail: adaltoalves7@gmail.com

² Doutorando em Educação – FE/Unicamp, Professora Assistente do Curso de Letras UNEAL, Preceptora bolsista do Programa Residência Pedagógica, Universidade Estadual de Alagoas, Campus V, e-mail: juliana.novais@uneal.edu.br



contrário.

Desse modo, não é de fato uma surpresa o pouco entusiasmo do aluno em ler aquilo que lhe pareça demorado e trabalhoso, principalmente quanto ao texto literário, considerado obsoleto por uma geração de jovens que, imersos no conteúdo prático e diminuto das redes sociais, esperam da escola uma postura moderna, livre de metodologias tradicionais. Caso o educador não possua experiência suficiente para adequar-se a estes fatores, a prática fica comprometida, visto que o método para lidar com atividades de leitura necessita de maior planejamento, desde a seleção dos textos, que precisam dialogar com as circunstâncias geracionais dos alunos, à melhor forma de organizar os círculos de debate e atividades subsequentes, prioridades quando supõe-se o trabalho funcional com a literatura.

Não obstante, priorizar a experiência com obras integrais nas escolas, principalmente quanto aos gêneros textuais considerados longos, não é uma tarefa simples, em primeiro lugar, visto que exige recursos, mas sobretudo tempo. Este é preenchido pela grande quantidade de conteúdo didático comum ao professor do ensino público, geralmente assoberbado de compromissos pedagógicos para dar conta. Fatalmente, o texto literário é então mutilado para encaixar-se às premências da gramática, estudo de gênero e até da historiografia. Parece não haver significação do objeto de arte, falta compreensão do seu contexto e poder de reflexão social. Ponderando esta afirmação, segundo Cosson (2022, p. 23)

Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto de ensino. Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência compartilhada.

Contudo, a prática como residente pedagógico permitiu-me vivenciar o esperado e também o ponto fora da curva, aqui usando do antigo trocadilho para ilustrar casos em que o texto foi levado para além do uso como apoio metodológico. Em primeira instância, relatarei minha perspectiva quanto ao ensino de literatura em sala de aula, com uma perspectiva historiográfica e ênfase no estudo de gênero textual Teatro. Em seguida, o esforço da instituição de ensino e seus docentes em elevar o uso de obras literárias, através do projeto Teatro à Boca da Noite, evento já

tradicional e aberto à comunidade.

2 METODOLOGIA

O presente relato de experiência utilizou-se como principal ferramenta metodológica o diário de campo construído pelo residente no ano de 2023, fase em que foi recebido pelos alunos na posição de professor residente. Sob orientação do supervisor, dedicou-se à elaboração de sequências didáticas sobre gênero literário, a partir do seu viés historiográfico, conforme estipulado pela coordenação da escola, além de paralelamente auxiliar na produção do projeto de teatro mencionado anteriormente, em que teve a oportunidade de coletar dados sobre a prática com a literatura e seus resultados.

Buscando fundamentar adequadamente os dados levantados, a pesquisa foi baseada em publicações de autores da área dos estudos em literatura, linguagem e educação. Dentre eles, Antonio Candido; Rildo Cosson; Massaud Moisés; Carla Viana Coscarelli. Importante adicionar que o *corpus* de referência tende a aumentar no decorrer da escrita, principalmente através de outras fontes primárias, como trabalhos acadêmicos e artigos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura na sala de aula

Como participante do PRP na Escola Estadual Rocha Cavalcanti, em União dos Palmares, vivenciei uma experiência marcante durante uma aula que se revelou singular. Sentado entre mais de 40 adolescentes, observei atentamente a leitura do professor de uma crônica que aborda o preconceito contra homossexuais, sob a perspectiva de um taxista transitando por um bairro frequentado pela comunidade LGBTQ+ paulista. A trama, repleta de nuances e humor ácido, capturou a atenção dos alunos, levando-me a refletir sobre possíveis atividades e discussões relevantes para o ensino médio.

Contrariando o viés tradicional, o professor compartilhou regularmente crônicas interessantes, mesmo que não diretamente relacionadas aos objetivos da aula, com o intuito de promover a experiência de leitura. Descobri posteriormente

que os alunos já estavam habituados a esse método e que ele sempre trazia algo novo de forma despretensiosa todas as semanas. Sobre esta abordagem metodológica, segundo aponta Coscarelli (2007, p. 81)

Defendemos a ideia do trabalho com gêneros textuais e, por isso mesmo, estamos preocupados em fazer com que ela não seja mal compreendida. Não podemos entender que agora vamos ensinar nossos alunos a ler e produzir diferentes gêneros textuais fora de qualquer situação comunicativa. Gênero não deve ser matéria a ser dada ou conteúdo a ser cumprido. Nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais – isso nem seria possível, dada a quantidade imensa de gêneros textuais existente e a grande variação que há em cada gênero.

Nesse sentido, o trabalho com a literatura durante o ano de 2023 em uma turma do 2º ano do ensino médio teve como um dos objetivos trabalhar com a fruição. Como destacado por Geraldi (2011, p. 75) a leitura - fruição de texto resgata de nossa experiência uma forma de interação praticamente ausente nas aulas de língua portuguesa: a leitura por simples prazer, sem objetivos específicos. O termo "gratuitamente" não implica que essa leitura não tenha impacto algum. O que caracteriza essa abordagem é a falta de preocupação com o resultado ou controle do processo.

Durante o ano letivo, enquanto docente participante do PRP tive a oportunidade de criar uma sequência sobre o Renascimento. Embora nosso espaço para personalização fosse limitado, baseei-me no modelo do professor, adicionando mais textos para leitura compartilhada em vez de exercícios isolados. Focamos na parte histórica e artística do Classicismo, destacando obras famosas como “A Mona Lisa” e “O Nascimento de Vênus”.

Optei por trechos ao invés de obras completas devido ao tempo limitado, e os alunos mostraram familiaridade com muitos deles. Exploramos o soneto “Amor é fogo que arde sem se ver” de Camões, seguido de uma discussão sobre sua mensagem e conexão com o movimento artístico. Na prosa, apresentei um trecho adaptado de “Romeu e Julieta” de Shakespeare, despertando interesse entre os alunos, principalmente pela narrativa conhecida.

No entanto, houve menos entusiasmo em explorar as características da época ou os elementos estilísticos do autor. A discussão centrou-se mais na atitude romântica de Romeu e no tema do relacionamento proibido, destacando

semelhanças e contrastes com a realidade dos alunos, aspectos importantes para sua formação intelectual e humana.

Assim sendo, os debates feitos durante as aulas foram muito favoráveis, e me fizeram crer que a literatura pode ser proveitosa, mas o professor necessita guiar esse trabalho com um cuidado bem mais primoroso, principalmente quanto a seleção das obras, além de ministrar o tempo com sabedoria para dar conta das atividades subsequentes. Da mesma forma, é importante torná-la um momento agradável e acessível — de nada adianta introduzir textos complexos em linguagem, ou que estejam distantes demais dos alunos, sob risco de reduzir a aula a uma experiência unilateral. Sobre o preparo metodológico, conforme defendem Bordini e Aguiar (1988, p. 45):

A tarefa de uma metodologia voltada para o ensino de literatura está em, a partir dessa realidade cheia de contradições, pensar a obra e o leitor e, com base nessa interação, propor meios de ação que coordenem esforços, solidarizem a participação nestes e considerem o principal interessado no processo: o aluno e suas necessidades enquanto leitor, numa sociedade em transformação.

Dessa forma, “o ensino da literatura passaria a ser vivenciamento da obra literária enquanto experiência transformadora e não simplesmente como a assimilação de mecanismos codificados de escuta e apreciação” (Osakabe, 2011, p. 25). Isso implica em uma abordagem que busca mergulhar nas nuances das obras, explorando não apenas sua estrutura e conteúdo, mas também as emoções, reflexões e transformações que elas podem provocar nos leitores.

O Teatro à Boca da Noite

Paralelo às aulas, os alunos estavam envolvidos na elaboração de peças para o Teatro à Boca da Noite, cujo planejamento iniciou-se desde o início do ano letivo. A ideia para o projeto surgiu em 2016 durante uma aula de Língua Portuguesa, enquanto o professor responsável ensinava alguns gêneros literários como o lírico, épico e dramático.

Durante as leituras, o professor notou que os gêneros épicos e líricos eram mais familiares aos alunos, enquanto o dramático era menos compreendido,

frequentemente confundido com o cinema. Apesar de sua relação, o teatro originalmente é marcado pela interação diretamente com o público (Moisés, 2013).

Por exemplo, ao mencionar "O Auto da Compadecida", os alunos logo associaram os personagens ao filme de 2000, mas ficaram surpresos ao saber que a obra de Ariano Suassuna foi concebida para o teatro. Diante da carência de expressões culturais na escola, o professor propôs um projeto onde os alunos, após estudarem os diferentes gêneros, focariam no dramático, formando equipes para apresentar obras teatrais à comunidade.

O trabalho foi feito com uma qualidade maior do que o esperado, tornando-se um evento fixo da escola nos anos seguintes. Daí em diante, todos os professores engajaram-se na produção, abrindo espaço em suas respectivas disciplinas para dialogar melhor com as demandas extraclasse necessárias para a produção das peças. Os alunos, contudo, são os principais responsáveis pela organização, e juntos pensam em roteiro, figurinos, maquiagem, cenário e material de divulgação, dotando o projeto de uma importância mobilizadora para todos da instituição, principalmente por ser aberto à comunidade, uma das poucas oportunidades de fruição artística no município.

No início de cada ano letivo, o professor preceptor apresenta uma seleção de obras para sorteio entre as turmas, escolhendo textos que considera adequados para adaptação. O sorteio é realizado com a participação de representantes de cada grupo, e os resultados são divulgados em todas as turmas participantes. Alguns grupos já entram no processo com uma obra previamente escolhida por eles mesmos, sendo dispensados do sorteio devido à responsabilidade assumida com essa seleção. A organização se dá de maneira a observar o número de alunos por turma, entendendo que cada equipe precisa ter 15 estudantes. A partir do momento em que são divididas, os integrantes têm o compromisso de pesquisar sobre o dramaturgo, obra e referência que lhes foi designada.

Depois do prazo de pesquisa, cada aluno é submetido a um teste com o objetivo de garantir que estejam desenvolvendo a atividade e, a partir dessa avaliação, são encaixados no grupo final. Os reprovados ficam livres para se juntarem a outros grupos e refazer o teste. Isso serve para que eles entendam que o projeto não é mero exibicionismo, mas um processo de aprendizagem sobre o teatro como gênero, em primeiro lugar, e como resultado desse conhecimento literário a produção do espetáculo.

A divisão das funções é feita internamente na equipe, onde os alunos se dividem em núcleos. Aqueles mais desinibidos, ou que apresentam talento natural, são direcionados para a atuação, sendo este o maior grupo. Dois membros ficam responsáveis pelo roteiro, algo que foi decidido pelo supervisor, então o número de roteiristas não varia. O texto precisa ser escrito com responsabilidade, pois é dele que toda a peça depende para acontecer, sendo este núcleo o mais engajado em pesquisa e adequação. O restante da equipe é responsável pelo suporte técnico: ambientação, luz, som e caracterização dos atores.

Em agosto de 2023, fui convidado pelo professor supervisor a orientar os roteiristas responsáveis por adaptar o conto “O Gato Preto”, de Edgar Allan Poe (1843), uma narrativa sombria sobre os efeitos do alcoolismo. Aceitei o convite, pois estava curioso para saber mais a respeito do processo criativo dos alunos. O objetivo era adaptar o texto às necessidades da equipe, mantendo a ideia central original. Dessa forma, o roteiro, agora nomeado simplesmente de “O Gato”, acabou sendo submetido a alterações extensas, já que não seria possível trazer um felino de verdade para a apresentação, por exemplo. Além disso, personagens foram acrescentados, outros tiveram seu papel reduzido devido às limitações dramáticas dos atores responsáveis por representá-los.

O comprometimento demonstrado e a aprendizagem na elaboração de roteiros foram notáveis. Minha contribuição para a equipe incluiu a identificação e correção de alguns problemas ortográficos e gramaticais, além disso, tomei a liberdade de fazer sugestões quanto ao enredo, discutindo sobre as mudanças que a dupla impôs à obra original — cuja necessidade defenderam com entusiasmo. Esse processo refletiu a busca pela autonomia dos alunos na produção do trabalho.

Não era incomum encontrar alunos ensaiando suas respectivas peças no pátio da escola, aproveitando os intervalos entre aulas ou em horários extraclasse. Normalmente, os roteiristas aproveitavam estes momentos para fazer alterações no texto, removendo o que não funcionava nas falas ou acrescentando rubricas (indicações de cena), muitas vezes por sugestão dos atores, cuja liberdade criativa era bastante permissiva na construção dos próprios personagens.

Ao todo, nove peças foram apresentadas na edição 2023 do projeto, no período entre os dias 5 e 19 de outubro. Como aponta o título, realizaram-se “à boca da noite”, com início às 18:00h, tendo em média uma hora de duração cada peça.

Uma decisão estratégica, pois aproveita o horário vago entre o período vespertino e noturno: a escola concilia as aulas com o evento, de modo a dar conta de ambos os compromissos pedagógicos. Com uma peça apresentada por noite, o evento precisou de duas semanas, não incluindo sábados e domingos, para ser concluído.

Cada roteiro trouxe mensagens sociais dialógicas entre passado e presente, pois os textos originais foram adaptados à realidade geracional dos alunos, preenchendo-lhes de referências culturais da nossa época. Isso prova o poder criativo das equipes, ao adaptarem certos aspectos de obras clássicas, como por exemplo “A Farsa de Dona Inês”, de Gil Vicente, onde o autor português retrata os sonhos e ambições de uma criada de classe média do século XVI. A releitura dos alunos traz uma Inês empoderada, negra, usuária do *Tinder* e de fala simples, cuja trama é claramente situada no nordeste brasileiro. Cosson (2021, p. 103) debate a respeito do lugar de representatividade na literatura, afirmando que

Não menos importante é o valor da literatura como espaço de expressão e construção de identidades, tanto no plano individual quanto coletivo. Ao representar positivamente e dar protagonismo a grupos minoritários, a obra literária reverte os preconceitos e confere dignidade à diferença, possibilitando aos membros desses grupos a afirmação de suas identidades em suas lutas por reconhecimento social.

Percebi uma sensibilidade nas produções, algo que, dadas as restrições de tempo do professor em sala de aula e as limitações impostas pela norma, é difícil de alcançar. Acredito que “vivenciar” seja o verbo mais apropriado para descrever a prática com a literatura, especialmente no contexto teatral, devido à sua capacidade de amplificar o que pode parecer árido em uma primeira leitura da obra literária.

Da plateia, notei contrastes que me deixaram uma profunda impressão. Em primeiro lugar, alunos que pareciam decididamente desinteressados nas leituras em sala de aula, brilhando em seus personagens, mesmo nas falas mais complexas. Percebi o quanto podemos nos surpreender com eles, quando é dada uma oportunidade para que o façam. As pessoas que vieram assistir, dezenas delas, de todas as idades, atentas ao espetáculo; acredito que para muitos ali o primeiro contato com o teatro, em seu critério formal de apreciação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a importância da literatura na disciplina de Língua Portuguesa e na formação acadêmica dos estudantes, sobretudo quando existe o empenho dos professores em levá-la além do uso como apoio no ensino de gramática e gênero textual, propondo projetos que estimulem o aprendizado através da pesquisa. Nesta perspectiva, ensinar a partir dos textos literários implica levar o leitor a entender o papel da arte em sua formação escolar e humana, assumindo a leitura como um ato de importância social: um diálogo com o mundo que o cerca, não apenas à guisa de entretenimento, mas que instrui e humaniza, correspondendo a uma necessidade universal (Candido, 1995), além de, em nível linguístico, refinar o que a norma pode falhar em certa medida.

Vale destacar que para escrever bem, é necessário ser um bom leitor. Debruçar-se sobre as regras gramaticais não garante uma boa escrita, apesar de sua necessidade normativa. Entretanto, ler possibilita fixar naturalmente as inúmeras formas de unir palavras em frases, construindo-as de maneira consciente a partir do que pretende-se comunicar. Textos de qualidade podem marcar a nível referencial e a literatura, quando atinge seu objetivo, possui grande potencial de permanecer na memória de quem lê.

Esta reflexão relaciona-se adequadamente com a experiência dos alunos envolvidos no projeto Teatro à Boca da Noite, que procurando escrever roteiros para suas apresentações, organizaram pesquisas sobre gênero, elementos da narrativa e, entres erros e acertos, construíram textos adequados para as peças. Dessa forma, a autonomia foi o cerne do trabalho com o teatro, pois cada aluno envolvido pareceu entender seu papel e a importância do mesmo, compreendendo também o projeto como algo que vai além da formalidade textual.

No âmbito da formação docente, vivenciar a prática com a leitura na escola ainda no período da graduação apresenta importância incontestável, para que o futuro profissional não receba o diploma ainda sem maturidade o suficiente para o exercício da docência. Neste ponto, é interessante entender cedo a necessidade de utilizar os textos literários de formas criativas e abertas, tendo em mente a realidade de sua escola, adaptando-se a norma, mas de modo a priorizar o que realmente interessa ao professor de literatura.

Notavelmente, através da leitura e da performance, do desafio instigante, que alimenta a necessidade de pesquisa (um resultado esperado na preparação de uma peça de teatro, por exemplo) não apenas para cumprir as necessidades

metodológicas da caderneta, mas a partir da perspectiva de que ensinar literatura pode ser recompensador, tendo o professor superado o estigma do texto literário como mera ferramenta do português normativo e suas formalidades de gênero.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - através da Universidade Estadual de Alagoas, cujo direcionamento durante todo o processo formativo foi essencial para os resultados aqui expostos. Agradeço também a acolhida da Escola Estadual Rocha Cavalcanti, em União dos Palmares, ao meu professor preceptor, e a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BORDINI, M. da G; AGUIAR, V. T. de. **Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. 176p.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. 358p.
- COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. **Veredas Online**, UFMG, v. 11, n.2, p. 81, 2016.
Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25208>
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. 139p.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021. 222p.
- GERALDI, João Wanderley. Práticas da Leitura na Escola. *In*: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. 533p.
- OSAKABE, Haqira. Ensino de Gramática e Ensino de Literatura. *In*: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.